

CRÔNICAS DE GË

CRÔNICAS DE GË

por

Tafnes Silva Barbosa

Mim Mesmo Editora

Copyright © 2024 Tafnes Silva Barbosa

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, stored or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, scanning, or otherwise without written permission from the publisher. It is illegal to copy this book, post it to a website, or distribute it by any other means without permission.

This novel is entirely a work of fiction. The names, characters and incidents portrayed in it are the work of the author's imagination. Any resemblance to actual persons, living or dead, events or localities is entirely coincidental.

Primeira edição, 2024.

ISBN

Publicado por Mim Mesmo Editora.

PREFÁCIO

SUMÁRIO

Prefácio iii

A floresta I

CAPÍTULO I

A FLORESTA

N^O MEIO DAQUELE PLANETA havia um lugar muito conhecido, que por sua vez também era muito temido. Muitas histórias eram contadas e ouvidas a respeito deste lugar, histórias tenebrosas que faziam qualquer um tremer tanto as pernas que, hiperbolicamente, seria possível ouvir o som produzido por elas.

Um amontoado de árvores, pode-se dizer, para quem estava fora dele, mas uma infinidade delas para quem adentrava a floresta sombria. Esse era o nome pelo qual os habitantes de Gë a chamavam. Na verdade, era muito difícil encontrar alguém que soubesse a origem desse nome, mas não podia se negar a facilidade de se entender o porquê dele.

Podia-se encontrar todo e qualquer tipo de árvore dentro dela. Árvores grandes subindo até o ponto mais alto como também árvores troncudas e pequenas, que chegavam a ser engraçadas, mas que eram tão fortes como as outras. Além de folhas secas caídas das árvores, o chão era totalmente coberto por uma diversidade de vida. Em alguns lugares mais úmidos por um musgo misturado a lodo, em outros por uma grama que, inexplicavelmente, não parecia crescer o tanto que logicamente era esperado. Na verdade, havia uma explicação para isso: a floresta não era só composta de plantas, mas também de animais, tantos

que não podiam ser contados, por mais que um leigo pudesse dizer o contrário levando em conta somente o que seus olhos vissem.

Semelhantemente às árvores, o ecossistema da floresta era diversificado, composto de animais de médio a pequeno porte e chegando até bichos invisíveis a olho nu, os mesmos que faziam qualquer contador gastar todos os seus dias e não terminar o seu intento. Isso que é naturalidade.

Não se podia deixar enganar pela aparência dos animais, o mais inofensivo deles poderia ser o mais fatal e o mais amedrontador,... Bem, pelo rumo que essa história está tomando, dá pra perceber que eles seriam mais dóceis. Mas não, não era à toa que a floresta era temida. Havia algo ali que fazia com que tudo nela se tornasse mais selvagem e até mais maléfico.

E não eram só plantas e animais que viviam naquela floresta. Na verdade, nunca alguém houvera catalogado todos os seres vivos existentes ali. Mas, nos povoados ao redor dela, quando as pessoas se reuniam em torno de fogueiras, alguns típicos aventureiros costumavam falar que viram seres muito estranhos se movendo na borda da floresta, e isso quando eles não queriam chamar atenção para si mesmos falando que tinham presenciado um deles dentro dela. Mas quase nunca recebiam crédito, pois era conhecido que, uma vez lá dentro, raramente se era visto novamente.

Esse era um enigma de fato intrigante. Como uma floresta poderia comportar tantos imigrantes sendo que seu espaço físico não fazia jus à quantidade deles? Algo acontecia, com certeza. Alguns morriam e a própria terra se encarregava de abraçá-los; alguns conseguiam sair com muitíssima dificuldade, mas a outros um fim misterioso lhes advinha que nem mesmo eu consigo explicar.

Conta-se que, certa vez, um grupo não muito grande e nem muito pequeno resolveu realizar um excursão na floresta. Era um grupo variado, composto de homens e mulheres dos mais diferentes tamanhos. Eles pertenciam a um aldeia próxima dali chamada Alquesburgo, onde as pessoas viviam de caça e agricultura. Eram um povo antigo e antigo,

bem, este último somente se comparado ao nosso mundo, pois no deles não eram atrasados nem adiantados. E como a aldeia estava ficando cada vez mais populosa, eles estavam sofrendo com a falta de comida para o povo, principalmente de fonte animal. Foi-se decidido, então, que um grupo seria montado para estudar a viabilidade de se caçar na floresta ao lado. Naquela época, nem todos conheciam a fama dela.

O grupo era liderado por João Alques, o filho mais velho do chefe da aldeia. Sim, Alquesburgo foi fundado pela família Alques, há muito tempo, quando eles ainda eram menos de dez pessoas. Mas a família cresceu com o tempo e, juntamente às pessoas que chegavam de fora, a aldeia foi aumentando sua população.

João acabara de completar vinte anos e faziam dois anos que ele tinha entrado para o grupo de caça da aldeia. Apesar de sua idade, aprender as técnicas de caça necessárias para o seu trabalho não era algo muito difícil. Qualquer um com um pouco de aptidão as dominava em menos de um ano. E assim foi com ele, por mais que não tenha ficado por aí. No seu terceiro ano, nem parecia mais um novato, pois se sobressaía aos que ingressaram junto com ele como também apresentava maior habilidade que alguns mais velhos que ele.

Sua capacidade, mas também sua posição política, o fizeram ser encarregado de escolher quantos e quem quisesse para sua missão. Sendo assim, ele escolheu seus três melhores amigos: Pedro, filho do chefe de agricultura da vila e que tinha entrado para a caça um ano depois de João; Ana, filha do ferreiro e que tinha aprendido muito com seu pai, tanto na arte da ferraria como no manuseio do que ele produzia; e seu primo, Jonas, um hábil curandeiro e estudioso das ciências fundamentais. Junto a eles, alguns outros se juntaram por livre e espontânea vontade, quando João abriu à aldeia a possibilidade de fazer parte do grupo. Eram, no total, dezesseis: doze homens e quatro mulheres.

Fim